



Boletim do Museu Paraense Emílio

Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

boletim.humanas@museu-goeldi.br

Museu Paraense Emílio Goeldi

Brasil

Barros Viana Hissa, Sarah

Arqueologia de marinheiros-caçadores do século XIX: ensaio sobre o tempo e a Antártica

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2017, pp. 11-29

Museu Paraense Emílio Goeldi

Belém, Brasil

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394054355002>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

Arqueologia de marinheiros-caçadores do século XIX: ensaio sobre o tempo e a Antártica

Archaeology of 19th century sailor-hunters: an essay about time and Antarctica

Sarah Barros Viana Hissa

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O tempo é dimensão intrínseca da vivência humana e da nossa experiência de mundo. Evitando considerá-lo simplesmente como invólucro ou como um suporte de eventos, abre-se lugar para pensar sobre o tempo imanente, que nos é interno à consciência. Esse é o tempo tal como é percebido, que privilegia, por exemplo, a duração percebida de algum evento ao invés da duração absoluta, mensurada em minutos, dias ou anos. Essas questões se fazem relevantes quando se considera a presença dos marinheiros-caçadores na Antártica do século XIX. Isso porque a imagem recorrente do continente gelado é a de um espaço inerte e estático, sem ação e sem tempo. Contudo, pensando na possibilidade de outras formas de compreendê-la, esse artigo explora os elementos que podem determinar ou influenciar a percepção do tempo transcorrido, sua velocidade e compasso, para o contexto desses marinheiros-caçadores. Para isso, serão relacionados elementos como o ritmo intenso de trabalho de caça, os momentos de lazer, de atribulações e obstáculos, os marcadores absolutos e não absolutos de tempo, a proveniência dos objetos utilizados (metrópole x Antártica) e a durabilidade dos objetos trazidos na viagem.

Palavras-chave: Tempo. Marinheiros-caçadores. Século XIX. Arqueologia. Paisagem. Antártica.

Abstract: Time is an intrinsic dimension of our life as humans and our experience of the world. When not considering it simply as a shell or as a medium for events, we are invited to think about immanent time, which is internal to consciousness and refers to perception. It highlights, for example, perceived duration instead of absolute duration, measured in minutes, days or years. These issues are relevant when considering the presence of sailor-hunters in 19th century Antarctica. The recurrent image we created of the cold continent is one of it being still and static, without action or time. However, thinking about the possibility of other ways of understanding it, this article explores the elements that may determine or influence the perception of time passage, its velocity and rhythm, in the context of these sailors-hunters. In this respect, the following elements will be correlated: the intense rhythm of the hunting activities, the moments of leisure and obstacles to the work, the absolute and non-absolute markers of time, the provenance of the objects used (Metropolitan state versus Antarctica), and the durability of the objects taken on the trip.

Keywords: Time. Sailor-hunters. 19th century. Archaeology. Landscape. Antarctica.

HISSA, Sarah Barros Viana. Arqueologia de marinheiros-caçadores do século XIX: ensaio sobre o tempo e a Antártica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 1, p. 11-29, jan.- abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000100002>.
Autora para correspondência: Sarah Barros Viana Hissa. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Parque Quinta da Boa Vista, São Cristóvão. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 20940-040 (sarah.hissa@gmail.com).
Recebido em 31/07/2016
Aprovado em 08/09/2016



INTRODUÇÃO: ESPAÇO E TEMPO ANTÁRTICOS, FRENTE AO CARÁTER TEMPORÁRIO DA PRESENÇA HUMANA

A Antártica é o continente onde as temperaturas mais frias do planeta foram registradas. A sua localização implica, para a presença humana, uma variedade de obstáculos e de ambientes hostis a serem atravessados. Dito isso, a relação que o ser humano construiu com aqueles espaços é, também, ímpar. É uma região que não é urbana, não é rural, não possui nativos. Diferentemente da África ou das Américas, incluindo as áreas relativamente próximas da Terra do Fogo e da Patagônia (Martinic, 2002), a Antártica não fez parte de um processo de colonização ou de evangelização de nativos, de domesticação de animais e de espaços férteis e habitacionais, ou, ainda, de alocação permanente e ininterrupta de grupos e de hierarquia administrativa. Não foi colônia, como comumente a entendemos¹. Colônias foram incorporadas completamente (ainda que de maneiras diferentes) à imagem de um mundo antropizado e moderno, enquanto a Antártica permaneceu – e permanece – à margem dele.

A presença humana na Antártica, apesar de existente, não se deu intensamente como em outras áreas do planeta. Isso não significa somente que o espaço antártico não foi utilizado ou alterado tanto quanto os outros espaços do mundo. Não falamos aqui somente de demografia ou de exploração econômica. Isso significa também que a ideia de Antártica mantém conotação de espaço desencaixado do mundo geográfico e isolado das pessoas. A imagem recorrente da Antártica é de um espaço inerte, estático e homogêneo. É como um verbo não

conjugado, sem tempo e sem ação. Verbo inerte que fala de uma natureza supostamente imaculada, feita de pedras, rochas, montanhas, nuvens, vento, frio, pinguins, focas, gelo, neve, mar. Não há pessoas, e, sem elas, também não há o movimento, a velocidade, a ação, a vida, o barulho, a convivência, o combate, o caos. É vazia. Nesse sentido, aproxima-se de como concebemos o deserto, o descampado, a savana, ou até mesmo a floresta e o mar. São espaços naturais. Porém, ainda assim, a Antártica se distingue deles. Associa-se um tipo humano a todos esses locais mencionados e, assim, esses locais se tornam mais parte integral do mundo. A ideia de mundo é incompleta sem esses espaços, enquanto a Antártica, desabitada, é o continente esquecido. Na dicotomia entre natureza e cultura, que marca a cosmologia moderna, a Antártica pertence ao domínio do natural e não do humano.

Contudo, a presença humana na Antártica existiu. Após a descoberta do continente austral por marinheiros-caçadores², na virada do século XVIII para o XIX, as caças foqueira e baleeira se voltaram para a região. Esse continente foi apensado ao mundo moderno, que se tornava cada vez mais comercial, para extração sazonal de proveitos naturais. Os caçadores extraíam em especial óleo e pele de vários mamíferos marinhos, enquanto se estabeleciam nas costas de ilhas antárticas em acampamentos temporários (cerca de três semanas no verão austral era suficiente para carregar o navio). Já no século XX, outras atividades passaram a ser também desempenhadas. A investigação científica neste continente é realizada sempre com base no Tratado Antártico (1959) de cooperação e paz internacional³. O

¹ Em alguns pontos do texto, usam-se os termos 'colônia' e 'metrópole'. Contudo, deve-se ressaltar que, da mesma forma que a Antártica não foi colônia como comumente a entendemos, também os países de origem das empresas de caça não foram metrópoles em sentido estrito.

² "I Think This Southern Land to Be a Continent": Capitão John Davis, do navio 'Huron', escreveu essas palavras em seu diário, na data de 7 de fevereiro de 1821. Foi então citado por Stackpole (1955) como a primeira menção documentada conhecida de avistamento do continente Antártico, após o descobrimento das ilhas Shetland do Sul, por caçadores de mamíferos marinhos. Contudo, há hipóteses para incursões anteriores, como a do navio argentino San Telmo, ou mesmo navios de caça, mas que mantinham em segredo a nova região de exploração.

³ Para mais informações, ver o site de *Secretariat of the Antarctic Treaty* (s. d.).



Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR)⁴ de pesquisas científicas no continente recebe apoio logístico da Marinha Brasileira, além de financiamentos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mantendo pessoal durante todo o tempo na base antártica (com os militares operando em regime de rotatividade) e as pesquisas operando em expedições específicas realizadas em momentos específicos de acordo com cronogramas anuais. Por último, a partir das últimas décadas do século XX, promove-se o turismo no continente austral, também essencialmente temporário.

Essas três formas de relacionamento humano com a Antártica – caça, pesquisa e turismo – foram e/ou são essencialmente efêmeras e sazonais, visando à realização de objetivos específicos e o retorno bem-sucedido, mas nunca o estabelecimento duradouro ou a permanência fixa. Busca-se retirar algo da Antártica (bens, conhecimento ou experiências), ao invés de inserir pessoas ali de modo permanente ou transformar fundamentalmente aquele espaço, como ocorreu em diferentes ocupações e regiões colonizadas.

Nota-se que o eixo que dá sentido às particularidades da presença humana na Antártica é o caráter temporário. Esse eixo conecta as concepções de humano, de espaço e de tempo (contudo, separáveis apenas do ponto de vista analítico). A discussão que se seguirá abordará esses três elementos – o humano, o espaço e o tempo –, buscando especialmente o tempo como conceito, experimentação e/ou percepção. A escolha de abordar o tempo se deu em função da infrequente tentativa de se problematizar questões relacionadas diretamente à temporalidade, mesmo em se tratando da arqueologia e, principalmente, de um ponto de vista subjetivo. Além disso, explora-se até que ponto as experiências de tempo na Antártica seriam condizentes com a estaticidade que se imagina de antemão. Nesse sentido, o artigo faz prioritariamente um exercício interpretativo.

Ressalta-se, antes de aprofundar a discussão, que o contexto logístico da pesquisa que origina esse texto se deu a partir da participação do Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais (Leach/UFMG), no PROANTAR desde 2009, com estudos na área das Humanidades, em Arqueologia e Antropologia (Ribeiro; Croveto, 2011; Guimarães; Moreira, 2011; Hissa, 2011, 2012; Resende, 2011; Santibáñez, 2011; Villagran; Schaefer, 2011; Zarankin et al., 2011). Na discussão, serão pontuados alguns resultados das pesquisas arqueológicas realizadas na Antártica (Zarankin et al., 2011; Zarankin; Senatore, 2007).

AS ATIVIDADES ANTÁRTICAS FOQUEIRAS: TEMPO DA PRODUÇÃO, TEMPO DO LAZER E O ‘TEMPO DO MAR’

“Os dias talvez sejam iguais para um relógio,
mas não para um homem”
(Marcel Proust)

No século XVIII, as relações comerciais já conectavam várias áreas do mundo, no Oceano Atlântico, no Índico e no Pacífico. Após a inclusão do continente Antártico no itinerário de caça, houve várias incursões à região para busca de peles e óleo. Os navios foqueiros (ou sealers, no inglês) antárticos comercializavam principalmente nos portos de Londres, Nova Iorque e Cantão (Basberg; Headland, 2008; Berguño, 1993a, 1993b; Bonner, 1968; Goodridge, 1839; Morrell, 1832; Murdoch, 1984; Smith; Simpson, 1987; Zarankin; Senatore, 2007) e provinham dos Estados Unidos, Reino Unido, África do Sul, Nova Zelândia, França, Tasmânia, Canadá, Chile, Noruega, Portugal, Alemanha, entre outros (Headland, 1989). Os produtos da exploração eram comercializados globalmente, sendo a pele para vestimentas, como chapéus, casacos, coletes e botas, e óleo para lubrificação, manufatura e iluminação. Essa primeira indústria antártica (Basberg; Headland, 2008) foi

⁴ Para mais informações, ver o site da Marinha do Brasil (s. d.).



de curta duração, com um grande pico de intensidade entre os anos de 1820-1825 e um retorno brando na década de 1870 (Headland, 1989)⁵.

As tarefas relacionadas ao trabalho da caça (tanto de pinípedes, quanto de cetáceos) eram extremamente físicas e violentas. Incluíam não somente a morte dos animais, mas também o processamento deles (remoção e salga das peles, remoção e fervura da gordura), assim como a embalagem e armazenamento⁶. Nos poucos anos de pico da caça foqueira, colônias de animais foram dizimadas, fragilizando seu equilíbrio e ameaçando sua existência. Os animais eram mortos tão rapidamente e em tão larga escala, sem um planejamento de sustentabilidade por gênero ou por idade, que a caça quase levou à extinção, na região, as espécies que alimentavam a atividade. Quando os animais já não eram tão abundantes, devido à caça intensa, as viagens se tornaram menos lucrativas. Desse modo, a frequência das expedições, que acompanhava as flutuações do mercado das peles e do lucro em potencial, teve que diminuir (Senatore; Zarankin, 1999; Zarankin; Senatore, 2007).

Antes do esgotamento da indústria, números altíssimos de peles de focas foram coletados e lucros elevados foram produzidos, mobilizando dezenas de navios e vários capitães e tripulações, provenientes de nações diferentes. Nas Shetland do Sul, a alta quantidade de focas abatidas em pouco tempo, na ordem de 10.000 em 12 dias pelo navio 'Hero' em 1820 (Stackpole, 1955), demonstra a grande intensidade do trabalho foqueiro nos seus anos iniciais. O número citado se refere a peles e não focas inteiras, de modo que o processamento do animal também fora feito nesse curto período. Um cálculo breve para o caso do 'Hero' resulta em uma média de abatimento e processamento de 830 focas/dia ou 34 focas/hora, isso

se o trabalho nunca cessasse para sono, descanso, trajetos, alimentação, eventuais reparos do navio, do acampamento ou de vestimentas, e outras tarefas. Há outra referência de uma pessoa que chega a descascar 60 focas por hora (Delano, 1818 apud Stackpole, 1955). Outro número, um pouco mais modesto, porém ainda impressionante, é o de 9.000 peles em três semanas pelo 'Hersilia', em 1819, totalizando, na mesma lógica do cálculo acima, em torno de 18 focas/hora, ou o 'San Juan Nepomuceno', que coletou 14.000 focas em 1820, em cinco semanas, totalizando em torno de 17 focas/hora (Stackpole, 1955). Ainda, vale mencionar que, dos grupos de até 10 pessoas⁷, que eram enviados em botes para vários pontos da costa, fazem parte oficiais hierarquicamente mais graduados (*shipmates*), encarregados do conjunto e de garantir a alta produção (Stackpole, 1955). Era possível atingir o marco de 12 horas contínuas de trabalho (Salerno, 2006).

Os altos números da produção e da utilização do tempo do operário apontam para uma lógica capitalista de pensamento, que, como já dito, ameaçou até mesmo a própria sustentabilidade da atividade de caça. Tendo em vista que a razão principal da presença humana na Antártica do século XIX é extrativista, com ritmo intenso de trabalho, as atividades de caça requerem tempo bem aproveitado e trabalho otimizado. Trata-se da mentalidade moderna de que o tempo se iguala ao lucro obtido. Compreende-se o tempo por meio da velocidade como premissa do lucro da empresa, o que ordena as atividades diárias e a presença na Antártica. Esse tempo da produção, cujo compasso é ordenado pela lógica de mercado, é personificado, nos acampamentos foqueiros, pela já mencionada figura do *shipmate*. Era o indivíduo que possivelmente teria em punho, em terra, um relógio de bolso e se certificado

⁵ Os dados utilizados pelo autor para a produção desses gráficos incluíram não somente fontes primárias, mas fontes também secundárias, desde que acessíveis, incluindo desde diários de bordo até lápides (Headland, 1989, p. 46).

⁶ Para uma descrição detalhada da caça às focas, da morte e do processamento desses animais em produtos comercializáveis, ver Fanning (1924, p. 255-264).

⁷ O número de dez pessoas por acampamento é sugerido por Stackpole (1955), enquanto números menores, de quatro a oito pessoas são sugeridos por Zarankin e Senatore (2007), tendo em vista os tamanhos dos acampamentos de pedra construídos nas ilhas Shetland do Sul.



de que o tempo da produção seria implementado, ao impor um ritmo intenso de trabalho⁸.

A coleção arqueológica antártica⁹ é composta de vestígios de instrumentos de trabalho (garrote, recipientes de ferro para produzir óleo, estacas de madeira¹⁰ para esticar o couro durante a secagem, facão, barris) (Figura 1), entre outros (Zarankin; Senatore, 2007). Esses elementos são parte remanescente da materialidade dos sítios industriais e laborais, aludindo ao tempo da produção.

A lógica capitalista traz consigo uma dicotomia entre tempo de trabalho e tempo livre, esboçada a partir da Revolução Industrial, e que atinge contornos específicos na atualidade. Com isso em mente, a questão do lazer, como uma atividade a ser fruída ou desempenhada no tempo livre, surge dentro do universo do trabalho e em oposição a ele (Magnani, 1994, 2003). O tempo livre pode ser compreendido como ausência de trabalho ou como “tempo que alguém poderá fazer o que quiser” (Valtonen, 2004), tal como é compreendido na sua relação com noções de bem-estar (Magnani, 1994, 2003; Gross, 1984). Nesse sentido, além dos objetos relacionados ao trabalho foqueiro, há materialidades arqueológicas que corroboram atividades de repouso, de recreação ou lúdicas, como garrafas de vidro, destinadas ao consumo de álcool; cachimbos; e jogos (Figura 2) (Zarankin; Senatore, 2007). Seria um momento de pausa ou de desaceleração das atividades laborais e econômicas principais, relativas à caça e à presença na Antártica. Podem ter sido desenvolvidos,

nessas ocasiões, também o entalhe de dentes e ossos (no inglês, *scrimshaw*, que pode chegar a altos níveis de rebuscamento) e a costura de roupas rasgadas (Salerno, 2006). Não se pode precisar, contudo, o grau de alvedrio dessas pessoas em organizar o tempo livre que lhes cabiam.

A organização do tempo decorrido na Antártica pelos caçadores inclui elementos de trabalho e de lazer. Pensa-se essa característica a partir da dicotomia própria da modernidade, que nos é familiar também hoje, mas que estava sendo construída naquele momento. Como a presença dos caçadores na Antártica é efêmera e voltada intrinsecamente para a produção capitalista, talvez esse não seja o palco ideal para se avaliar questões ligadas à preeminência de um sobre outro. A primazia dos objetivos capitalistas já é premissa. Contudo, como já apontado, houve atividades ligadas ao prazer da vivência na Antártica, mesmo com as intensas jornadas de trabalho.

Por outro lado, um forte aspecto do trabalho na região austral é o ‘tempo do mar’, com o qual, por vezes, negocia o tempo do capitalismo. Por exemplo, a tripulação, quando chegada ao destino, não tinha muitas tarefas a realizar:

Aboard the ship, when cruising, the crew or seamen had little to do, once they were on the grounds, save to swing the yards, trim sail or perform other work necessary in navigating the vessel; for every ounce of strength and every spark of vitality was conserved to be brought into instant use when a whale was sighted and the chase commenced (Verril, 1916, p. 49).

⁸ Reconhece-se que o próprio tempo da produção não pode ser compreendido como homogêneo entre todos os tripulantes. Por exemplo, quando no mar, esses homens, baleeiros e foqueiros, eram também marinheiros, com ritmo de labuta, conhecimento e relações próprios dessa ocupação. Mas o trabalho do navio era variado. As diferentes funções desempenhadas – do gajeiro, do faxineiro, do cozinheiro, do copeiro, do mecânico, navegador, etc. – criam vivências do tempo distintas: de períodos distintos do dia, de intensidade do trabalho, de tédio, de cansaço, de preocupação, de imediatismo, de planejamento, de tranquilidade, de velocidade, de convivência humana ou de solidão, e assim por diante. Contudo, entende-se que, apesar das nuances, que são bastante relevantes na compreensão da percepção da passagem de tempo, há também algo de unificador no próprio ritmo de trabalho capitalista. Essas duas forças se somam e são ambas atuantes.

⁹ O acervo arqueológico resultante das escavações na Antártica é numeroso. Excetuando-se os artefatos provenientes das pesquisas ou expedições europeias, hoje, os materiais coletados dos vários sítios das ilhas Shetland do Sul estão localizados em três locais: Conicet (Buenos Aires, Argentina), Leach/UFGM (Belo Horizonte, Brasil) e Museo Nacional de Historia Natural (Santiago, Chile).

¹⁰ Um dos fragmentos de madeira coletados pelo Leach/UFGM na costa sul da ilha Livingston foi identificado como proveniente da família Pinaceae, gênero *Pinus* sp (grupo *hard pines*), por processo macroscópico e microscópico de exame da anatomia do lenho, realizada em 2010 pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT.





Figura 1. Instrumentos de trabalho: A) panela de ferro, sítio Centro Negro; B) ferramenta de ferro, sítio Punta Varadero; C) ferramenta de ferro, coleta de superfície; D) estacas de madeira, sítio Lima-Lima; E) metade de tampa de barril em madeira, sítio Centro Negro; F) garrote. Fonte: Projeto Paisagem em Branco, Zarankin e Senatore (2007).





Figura 2. Objetos arqueológicos associados a atividades lúdicas ou de repouso: A) tabuleiro de jogo, sítio arqueológico Praia Sul 1 (ilha Livingston); B) cachimbo de caulin cujo fornilho apresenta decoração fitomorfa, pedúnculo em *spur* (primeira metade do séc. XIX), sítio Cora D (ilha Desolação). Fonte: Leach/ UFMG.

Refere-se aqui também às atribulações e aos obstáculos que se deve transpor para efetivar o tempo da produção, devido à natureza marítima da viagem e do trabalho: as longas distâncias que os caçadores deveriam cruzar a bordo do navio, sujeitos às limitações materiais da carga carregada; as demoras em se aportar em alguma cidade; o mau tempo e as más condições de navegação; as atividades de manutenção do navio e atividades portuárias ou os momentos de espera pela presa. Nesse sentido, se a navegação marítima permite um trânsito rápido, sem eventos inesperados, as funções internas do navio se dão com certa homogeneidade, sem imprevistos e surpresas. Caso contrário, uma tempestade e um mar bravo podem suspender uma série de atividades, demandando prontidão e a interrupção do decorrer cotidiano. São elementos que posicionam o navio no mundo, definem sua aceleração, sua velocidade, sua previsão de chegada, a duração da viagem como um todo e as atividades a serem desempenhadas. E, quando acampados, os marinheiros-caçadores, findo o ritmo capitalista, estavam sujeitos à disponibilidade do navio e à permissão do mar para recolhê-los. Os foqueiros aguardavam sua coleta, nos acampamentos que construíam, em uma espera que poderia durar anos (Landis, 2001). Nesse caso hipotético (mas provavelmente

frequente) de pausa forçada do trabalho, o aqui dito ‘tempo do mar’ abre potencialmente espaço para momentos de lazer, mas também de expectativas e incertezas. Pensa-se que o tempo despendido em atividades laborais e no lazer, com a constante resolução do ‘tempo do mar’, marcam o compasso do tempo na Antártica, através das atividades desempenhadas.

DIREÇÃO E MENSURAÇÃO DO TEMPO: EXPERIMENTAÇÃO E MEMÓRIA

É tradicional distinguir duas compreensões ocidentais de tempo, comumente tidas como opostas e dicotômicas. Uma delas ressalta que o tempo é externo ao ser humano, pertencente ao mundo natural e apreensível por meio da experiência, do intelecto e da representação. Assim concebido, é absoluto, linear, mensurável, regular e homogêneo (Jaguaribe, 2003; Piettre, 1997). A consolidação do tempo físico, absoluto, linear e não humano como concepção preeminente na modernidade culmina de vários processos (Le Goff, 2005; Thompson, 1967), entre eles, a ‘secularização do pensamento’ (através da qual o tempo se distancia do âmbito divino e se rationaliza como fenômeno da natureza, passível de compreensão e estudo); as ‘transformações socioeconômicas’ (advindas

da Revolução Industrial e do estabelecimento das novas relações socioeconômicas capitalistas, nas quais o tempo se iguala ao lucro); os 'desenvolvimentos técnicos' (da invenção do relógio, por exemplo); e a 'cientificização do conhecimento' (de forma que o tempo mensurável e não humano permite a regularidade e o controle de experimentos) (Hissa, 2016). O relógio é um dos seus principais símbolos e marcadores.

Nas coleções arqueológicas recuperadas da Antártica não foram encontrados relógios individuais de bolso. É provável que esse marcador de tempo linear e absoluto tenha sido pouco usado, especialmente quando em terra, entre os grupos acampados mais subalternos. Esses relógios, entretanto, muito provavelmente não foram ausentes na Antártica (ou a bordo dos navios), dadas, por exemplo, as marcações de tempo absoluto feitas nos diários. Um relógio de bolso, digamos, pode ter existido na Antártica, com o capitão, a bordo do navio, ou mesmo na praia, carregado pelo *shipmate* encarregado do grupo desembarcado e da sua produção¹¹. Além disso, é certo que a noção de tempo mecânico, absoluto, progressista e capitalista, que estava sendo construída mundialmente, foi carregada pelos caçadores e desempenhou um papel importante na vivência daqueles locais. Os registros de bordo, por vezes datados e indicando a hora, tal como o trabalho intenso e os altos lucros obtidos, indicam a existência na Antártica desse contexto capitalista e da concepção absoluta de tempo. Ainda, Verrill¹² (1916) descreve os avisos sonoros nos navios baleeiros, que marcavam o início de cada turno de trabalho, com quatro horas cada.

Outra concepção pretende que o tempo – tal como o próprio mundo – é existente apenas através do olhar

humano e é compreendido a partir das sensibilidades subjetivas. Desse modo, é relativo, cíclico, irregular, heterogêneo e não pode ser mensurado (Jaguaribe, 2003; Piettre, 1997). Na abordagem da fenomenologia de Husserl (1973), esse é o tempo da experiência, da consciência, no qual a memória desempenha grande papel. O tempo, tal como descrito pelo autor, se vale de noções de passado, presente e futuro por meio da memória, do agora e das expectativas ('fluxo do vivido'). Trata-se de uma constante coexistência de tempos, comumente tidos como distantes ou apartados no tempo linear. Essa contínua referência multitemporal da consciência constitui o que Husserl (2008) chama de retenções e protensões, que são apropriações de tempo — respectivamente, anterior e posterior — associadas ao tempo pontual original (Husserl, 1973, 1992). O contexto que essa continuidade oferece permite a sensação de 'estar no tempo' (*being-in-time*), como uma imersão, o que significa a sensação confluente das retenções e protensões que situam o ser e sua noção de realidade. O melhor exemplo oferecido pelo autor para esclarecer esse conceito é a maneira como apreendemos e experimentamos o som:

[...] o som dura; temos aí a unidade evidentemente dada do som e da sua distensão temporal com as suas fases temporais, a fase do agora e as fases do passado; por outro lado, se reflectirmos, o fenómeno da duração do som, que é em si algo de temporal, tem a sua respectiva fase do agora e as suas fases do passado. E numa fase seleccionada do agora do fenómeno não só é objecto o agora do próprio som, mas agora o som é apenas um ponto numa duração sonora. [...] as fases passadas da duração do som são agora ainda objecto e, no entanto, não estão inclusamente contidas no ponto do agora do fenómeno (Husserl, 2008, p. 29-30).

¹¹ Nesse sentido, a ausência dos relógios de bolso no registro arqueológico pode se explicar pelo simples fato de que os relógios, no início do século XIX ou mesmo no final desse século, quando se popularizaram, ainda eram artigos especiais. Isso significaria também que não foram facilmente considerados inutilizados ou esquecidos.

¹² Toma-se aqui a liberdade de trabalhar com relatos de baleeiros, pela proximidade da natureza das atividades desempenhadas e pela proximidade cronológica: "Unlike the merchant sailors to whom eight-bell watches are almost sacred, the whalemen commenced them watches at six bells, and in this respect they differed from all other seamen. Thus the first watch was from 7 until 11 P.M.; the middle watch was from 11 until 3, and the last watch was from 3 until 7 A.M. Moreover, half-hours were never struck on a whaling vessel's bell, only the even hours being sounded, and one, three, five or seven strokes never rang across the waters from a whaleship" (Verrill, 1916, p. 82-83).



Essa concepção de tempo remete à figura do canto dos marinheiros, uma forma alternativa de se ritmar e coordenar as atividades coletivas, o pensamento ou o trabalho. É célebre a imagem de marinheiros envolvidos em canções, enquanto realizando alguma tarefa coletiva a bordo (no inglês, *sea shanty*). É um marcador de tempo não absoluto, no que confere compasso a um evento. Outro exemplo de marcador de tempo não absoluto é o tempo marcado pela queima de velas. Ainda que o verão no extremo polo sul não ofereça noites, o verão nas ilhas Shetland do Sul apresenta algumas poucas horas de escuridão. As velas, além de desempenhar a função de iluminação e até mesmo de oferecer algum calor ao ambiente fechado, marcam a passagem de tempo. Certamente não oferecem a medição direta dos relógios-vela¹³, mas há uma constância na queima da vela, que permite a sua utilização como marco temporal. Na medida do seu consumo, apresenta ritmo e compasso. As velas identificadas arqueologicamente podem ter marcado indiretamente a duração de um evento, de momentos, de conversas e ilustrado a passagem de tempo. Mas a queima da vela é mais que uma marcação do tempo físico, pois apresenta outras conotações, de contemplação, e, no caso do seu uso na Antártica, possivelmente também de reunião. O ambiente Antártico das ilhas Shetland do Sul é marcado por ventos fortes, o que dificulta o uso das velas em ambientes abertos. Portanto, essas velas foram mais provavelmente utilizadas dentro dos recintos construídos pelos caçadores. E esses recintos eram pequenos, alguns poucos metros quadrados (Zarankin; Senatore, 2007). Nesse contexto, a vela apresenta conotação introspectiva, luz baixa, em local pequeno e cheio de pessoas, onde o grupo já está isolado. Esse pode ter sido um momento

onde o tempo antártico se preenche de proximidade entre as pessoas, da troca de subjetividades, de afastamento frente o tempo da produção. O tempo mecânico e sucinto do relógio é sobreposto pelo tempo impreciso, amplo e introspectivo da vela.

Considerando as definições husserianas, ressalta-se especialmente a experimentação de vários lugares por parte dos marinheiros, desde a metrópole, passando por vários portos no caminho, entremeados pela presença somente no navio, até a chegada nas ilhas antárticas, sequência sucedida pelo trajeto inverso de retorno. O ciclo sazonal antártico, por exemplo, não é percebido na íntegra. O período invernal não é sentido na Antártica, mas no país de origem, a menos que algum imprevisto tenha impedido o regresso de um dado grupo. Como ‘nômades do mar’ (Basberg; Headland, 2008), essas experiências criam, na memória, uma rede de espaços interligados. Isso fica expresso em alguns trechos dos diários de bordo. Em meio à descrição numeral, sequencial e linear de eventos e impressões, aparecem subjetivações de concepções menos lineares e irregulares de tempo, como em “Com esperança de uma viagem curta, içamos velas” e “O dia se finda em doce saudade de casa”¹⁴ (trechos de um diário de bordo). O tempo imanente de Husserl (1973, 2008) fica aqui manifesto, dotado de uma ordenação própria da consciência. No primeiro trecho, o presente se enche de futuro, com a projeção do que se deseja do devir. O segundo trecho, por sua vez, volta-se contemplativamente para o passado. Esses fragmentos iluminam uma autoanálise do agora e uma projeção das preferências construídas no presente, tanto para o passado como para o futuro. A descrição linear de tempo é interrompida para dar lugar

¹³ Usadas no século XVIII, e por séculos antes, os relógios-vela (*candle-clocks*) apresentam marcações de horas e, ao passo que são queimadas, revelam a duração já consumida.

¹⁴ “Saturday on board. Lying at anchor, Bedford Harbor below Palmer’s Is. 5 fathoms of Water. First part of these 24 hours strong Breezes from the NW, the weather fine. Most of the crew on Board employed in Ship’s Duty. Mid part (of the day) light airs from the N.W. Latt. part a fine Breeze from the N. At 5 o’clock Broke ground and Bid a Due to the Land, We all so much admire. But with the hopes of a Short Voyage, We set all sail. At 9 o’clock the pilot left us. Steered out SW. At 11 o’clock the wind shifted to the East from that time to the SE, we steering to the SW. At 12 o’clock to Gay Head light House. Bore E 1-2 N. Dist. 8 miles. The No Mans Land Bore ESE. Saw number of vessels steering different courses. So Ends this day with Sweet Feelings of Home.” (Verrill, 1916, p. 175-176).



a uma reflexão relacional sobre a condição do momento atual, por uma propensão dos ‘agoras’ que virão e uma retenção de momentos passados. Nesse sentido, o arcabouço teórico aqui apropriado de Husserl (1973, 2008) é útil para pensar o movimento entre passado, presente e futuro que se dá na consciência, evidenciando como o fluxo do vivido antártico é, também, feito de tempo relacional e integra distintos espaços.

Assim, tem-se que a mensuração absoluta de tempo própria do capitalismo se fez presente nas marcações dos diários de bordo e na alta produção. Por outro lado, inferiu-se a possibilidade de marcadores não absolutos de tempo, para construir uma imagem do que poderia ter sido o ritmo de algumas experiências. Ainda, o processo de incorporação dos espaços e de eventos na vivência humana se trata também de incorporá-la, eterna ou atemporal, na nossa reminiscência, em sentido pessoal, considerando que a memória é, segundo Husserl (1929), essencialmente temporal. Nesse sentido, a presença de vários locais na memória quando, na Antártica, se fez presente nas alusões ao lar, registradas nos diários. A partir dessa reflexão, nota-se a presença dos dois tipos ideais de tempo, o absoluto e o relacional, na própria experimentação da Antártica.

MATERIALIDADE E PERCEPÇÃO: DOS ESPAÇOS E DOS OBJETOS MÓVEIS

Falou-se até o momento da relação entre o compasso do tempo e as atividades desempenhadas. As atividades capitalistas marcariam um ritmo acelerado, porém atenuado por momentos de lazer e diversificado pelas nuances entre as atividades específicas de cada função que desempenham os marinheiros. Ponderou-se também sobre a presença de distintas formas de mensuração (e de experiência) do tempo, absolutas e relacionais, que coexistiram na Antártica, unindo passado, presente e futuro na memória. Agora, esta seção do artigo trará para a discussão a relação entre materialidade antártica (espaço e objetos móveis) e a percepção que temos dela, na sua associação com o tempo. Este tópico inicia a

partir de uma breve digressão à minha experiência pessoal na ilha Livingston, Península Byers, visando a levantar possibilidades acerca da forma que a Antártica é inserida na memória e na vivência, para, posteriormente, apresentar e tratar elementos da materialidade antártica do passado.

No ano de 2010, como parte do registro da minha estadia na praia sul da referida península, tirei várias fotografias, a partir de um mesmo ponto, em um mesmo quadro (Figura 3). À direita da foto, na linha do horizonte, há uma rocha pontiaguda, que, diariamente, me servia de referência de enquadramento, já que eu não dispunha de tripé fixo. Enquadram-se: horizonte, céu e chão. Eventualmente, nuvens, pedra, neve, água, ave, musgo, cores. Quem sabe, também, precipitação ainda líquida. Fotografar o frio, o vento gélido, a quietude ou dias mais quentes e aconchegantes: subentende-se o que é experimentado, complementando o que está visível no interior do quadro.

Ao observar atentamente cada fotografia, tal como o conjunto das imagens, é possível perceber a recorrência persistente de uma ou outra pedra, da linha do horizonte, das montanhas ao fundo. Mas notam-se, também, variações de iluminação causadas pelo curso de um dia: manhã, tarde e noite. Notam-se as mudanças nas condições do tempo climático, que pode causar nevadas, acúmulos d’água em seu estado líquido ou exposição da vegetação rasteira. O sol, que às vezes nasce em forte tom amarelo, colore a vegetação, o marrom do sedimento e a cor do céu. Eventualmente, aparecem algumas cores vivas: um verde, um azul. Noutro dia, a paisagem está coberta de branco, com as nuvens escondendo e homogeneizando as cores trazidas pelo sol, em um brilho opaco. São mudanças de iluminação, de cor, de presenças e ausências de corpos (d’água, neve, nuvens e, eventualmente, pessoas e animais). Varia a quantidade de elementos e a distribuição em que aparecem. Muda a sensação que suscitam de temperatura ou de preenchimento do espaço. Demonstram também qual o movimento captado visualmente nas paisagens antárticas vivenciadas, que vai além de cor e iluminação, para inferir, também, sensações sinestésicas ou psicológicas.



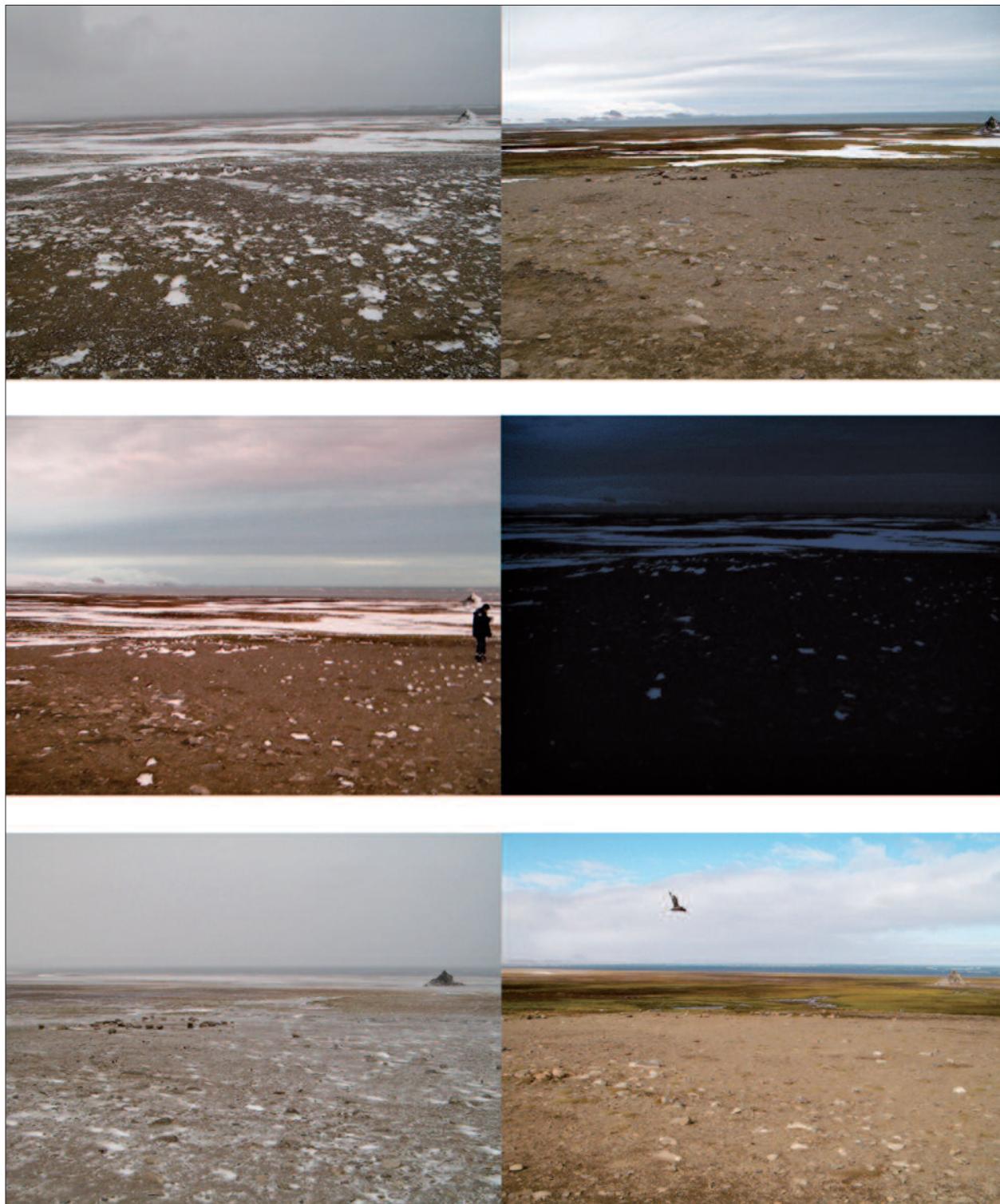


Figura 3. Paisagem antártica. Fotos: Sarah Hissa, 2011.

Tilley (1994) pondera sobre a impossibilidade de observar a paisagem e inferir diretamente elementos específicos do passado, dadas as transformações físicas que ela sofreu desde os tempos pré-históricos. A paisagem antártica certamente não sofreu tantas transformações quanto outros lugares, como aqueles hoje urbanizados, por exemplo. Contudo, o argumento ainda procede para o caso em discussão, no que nossas premissas não são equivalentes às dos marinheiros-caçadores. Como em Tilley (1994), também não se tem aqui pretensões nomotéticas, tal como não se trata de transpor e equivaler percepções da Antártica ocasionadas em momentos distintos. Contudo, aponta-se aqui, por meio dessa digressão, a necessidade de acostumar o olhar e conhecimento dos espaços, a partir da perspectiva

oferecida no transcuso de ‘habitar’ (*to dwell*) em um local (Ingold, 2000). Nesse caso, é importante não tomar como estaticidade o que poderá ser relativa menor velocidade. Assim, as fotografias, muito semelhantes, na verdade recortam fragmentos distintos da Antártica. E, ao passo que ela é incorporada nas memórias e na rotina, a Antártica homogênea e inerte – anunciada na introdução deste artigo – deixa de ser a única perspectiva que se tem.

Com essas questões em mente, pensa-se nos caçadores de foca do século XIX. Esses homens do mar também vivenciavam uma Antártica hostil e distinta do que haviam experimentado até então. A ilha Livingston (Figura 4), tal como o restante do arquipélago Shetlands do Sul do qual faz parte, é de formação vulcânica/magmática, sobre o *Bransfield Basin*/arco vulcânico. Apresenta

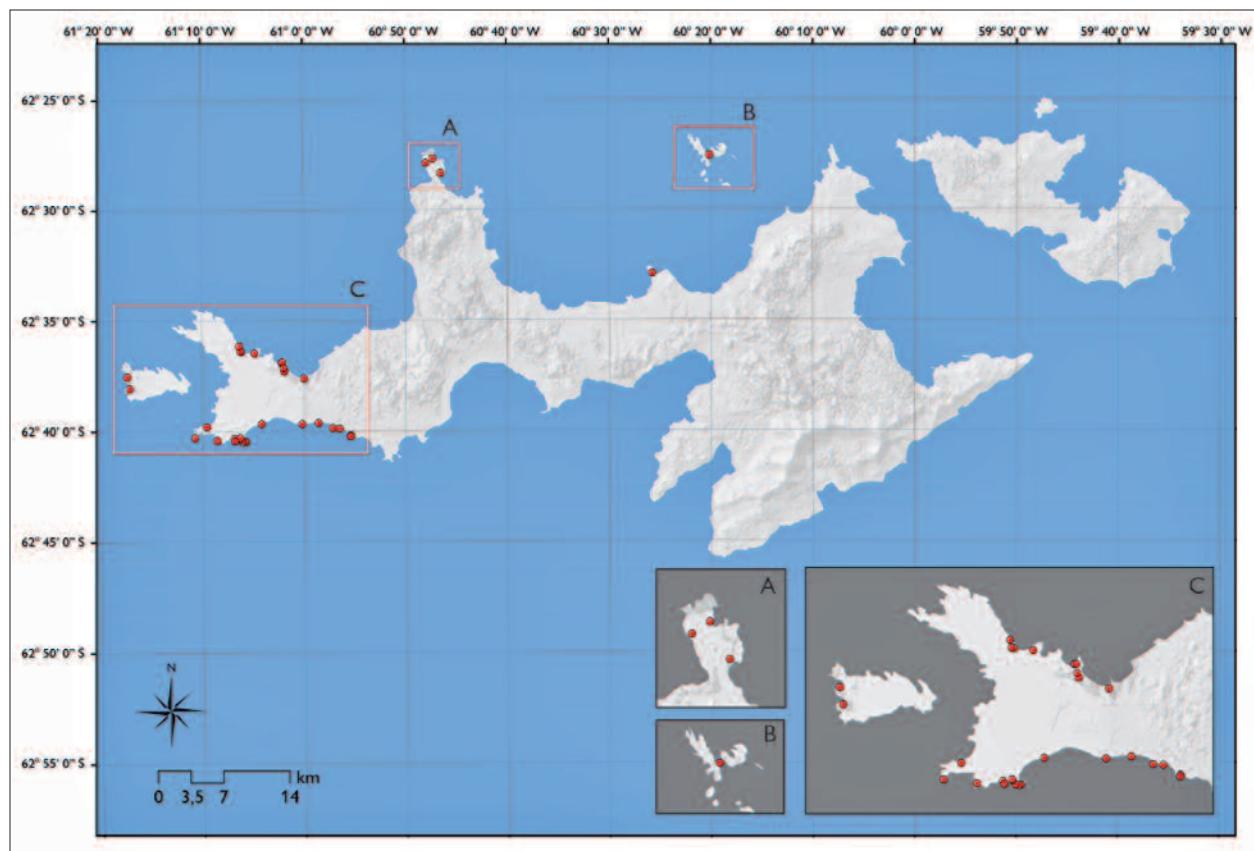


Figura 4. Mapa de localização da ilha Livingston, arquipélago Shetland do Sul, Antártica, e distribuição dos sítios arqueológicos já identificados pelo Projeto Paisagens em Branco. Autoria: Letícia Hissa, 2011.

sequências de rochas sedimentares e vulcânicas, área montanhosa de altas altitudes coberta por calota de gelo a leste, com a península Byers a oeste, onde se desenvolve a pesquisa do Leach/UFMG, em planície de baixas altitudes e sem gelo. A península é composta por basaltos friáveis, com arenitos e conglomerados. Neve e gelo aderem aos pontos mais altos do relevo ao longo do ano e a neve ocupa canais erosoriais durante o verão. Contudo, a península não apresenta calota de gelo. O material depositado provém principalmente da formação vulcânica recente que forma o interior da península, em praias soerguidas de cascalhos e aluviões (Alfaro et al., 2010; Hobbs, 1968).

Os marinheiros-caçadores, alocados nas praias da península Byers em pequenos grupos, construíam acampamentos aproveitando pequenos afloramentos rochosos, com a construção de paredes adicionais de blocos desprendidos ainda angulosos, para se proteger do frio e do vento. As estruturas desses acampamentos periódicos, durante o verão austral, serviam não somente como morada (recintos maiores), mas também era onde armazenavam os produtos da estadia (anexos). Vértebras de baleia compunham parte do mobiliário e costelas de cetáceos faziam o papel de vigas de sustentação de uma cobertura superior baixa (Zarankin; Senatore, 2007). Os espaços são pequenos, circunscrevendo algumas poucas pessoas. São o cenário no qual ocorriam tanto as atividades de lazer quanto parte das atividades de trabalho e sobrevivência, atestado pela presença de elementos que remetem à defesa, construção do abrigo e armazenamento do produto. Era neles que se dormia, que se protegia do frio, que se comia, que se jogava damas e que se fumava, sob a luz de velas (Figura 5).

Fazia parte da alimentação dos marinheiros-caçadores, não somente a carne dos pinípedes capturados na própria praia, cujos ossos remanescentes exibem marcas de corte, mas também carne de vaca e porco, levados no navio para consumo também em terra (Muñoz, 2000). Garrafas de vidro, que teriam contido vinho, sidra ou cerveja, também foram encontradas na península (Moreno, 1999).

Pensando na proveniência dos objetos utilizados (metrópole x Antártica), vê-se que uma característica marcante da materialidade usada pelos marinheiros-caçadores é a combinação de itens transportados do ocidente moderno com a materialidade de origem antártica. A lista de itens com os quais usualmente os navios já partiam do porto incluía equipamentos de navegação, para o processamento da caça e para a cozinha, além de peças para reparo de maquinário, alimentos, itens de lazer e de uso pessoal, como cachimbos, tabaco, sabonetes, sapatos, roupas etc. (Verrill, 1916). Esses itens eram destinados, em sua maioria, para uso interno (havia também algum comércio ou trocas eventuais em portos ao longo do trajeto). A materialidade da metrópole poderá ter oferecido conforto daquilo que é familiar à memória. Por outro lado, a apropriação da materialidade local poderá estar estreitamente relacionada à apropriação do próprio local. É necessário ter conhecimento prévio dos recursos locais, para planejar o carregamento. Mais que isso, ao construir o abrigo com blocos de rocha antárticos, ao comer animais antárticos, ao dormir nos abrigos, cheirar os fortes odores e ouvir o som que os elefantes marinhos emitem, sentir o frio local, no próprio movimento de vivenciar a Antártica, ela passa a integrar, também, a memória, construindo uma relação identitária de incorporação do lugar, como sugerido na discussão acerca da Figura 3. Penso que Husserl (1929, 1973, 1992, 2008), mais que Heidegger (2006) ou Merleau-Ponty (2006), entende o tempo como parte imanente do sujeito. Se a percepção de tempo se dá na consciência, tal como quer Husserl (1929, 1973, 1992, 2008), ou externo ao ser humano onde ele, encarnado, habita, como quer Merleau-Ponty (2006), é somente nesse momento, de sincronização com a Antártica e a partir da materialidade, é que se vive um tempo verdadeiramente antártico, que se deixa fluir em si o ritmo lento mas que se movimenta, das materialidades mínimas, dos sons mínimos porém únicos, de dias extensos e noites curtas, da criação gradual de uma rotina, do transcurso de 'habitar' o local (Ingold, 2000).



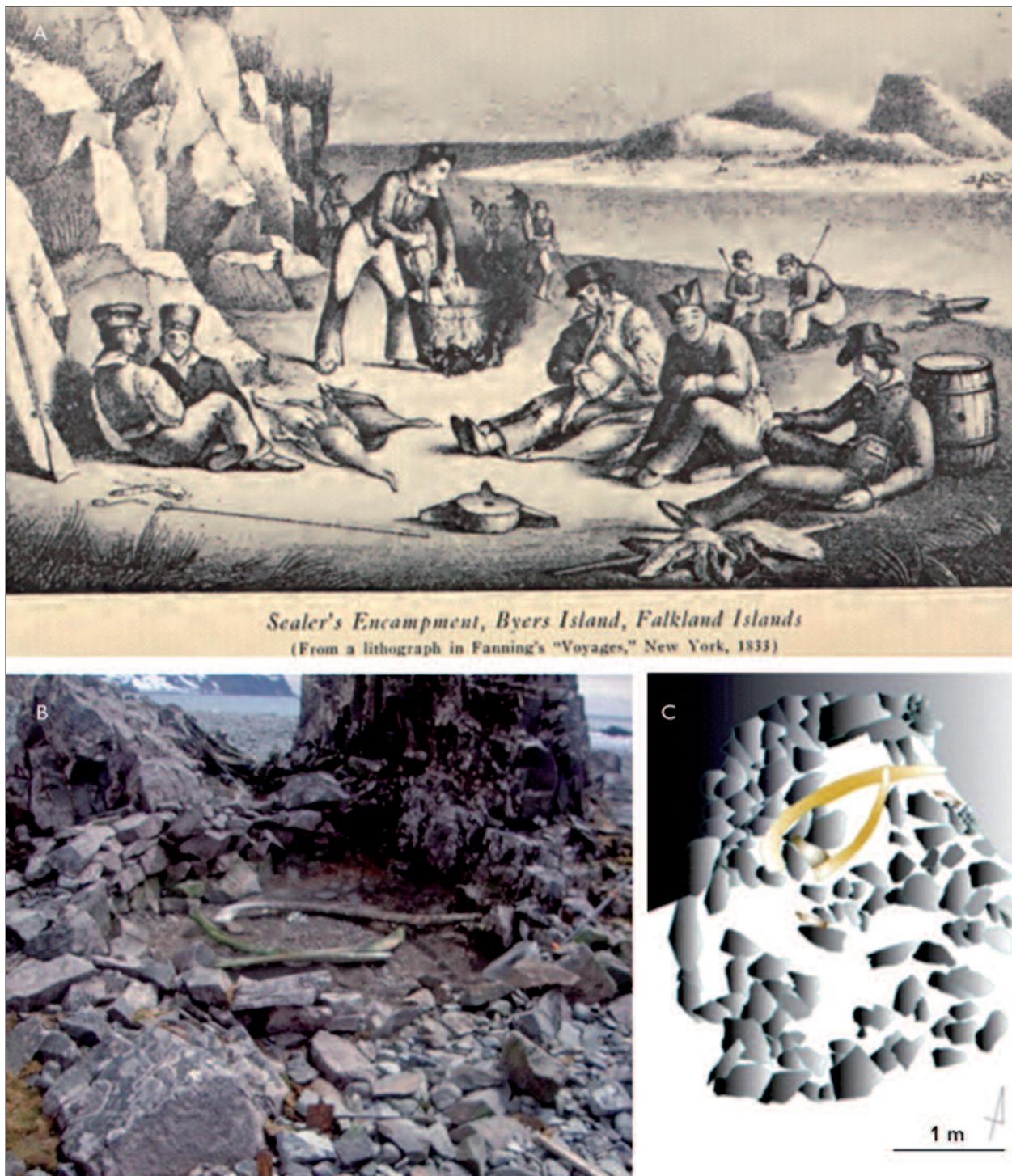


Figura 5. Acampamentos de marinheiros-caçadores: A) acampamento foqueiro; B) sítio arqueológico Punta Varadeiro, Recinto Maior, ilha Livingston península Byers; C) planta baixa do mesmo sítio. Fonte: (A) Stackpole (1955, p. 6); Foto: (B) Sarah Hissa, 2011; Imagem: (C) Leach/ UFMG.



Para além da paisagem antártica, em sentido fenomenológico e como elemento material da memória, deve-se mencionar a cultura material móvel, os pequenos objetos. Thomas (2008) ressalta a escassez de estudos arqueológicos de objetos portáteis a partir da fenomenologia, que se voltou especialmente para a paisagem e estruturas. Para discutir essa lacuna, aventa-se a seguir outros pontos de discussão, pensando na durabilidade e decadência dos objetos, tal como sugere Lucas (2006).

As coleções antárticas de artefatos arqueológicos são bastante distintas daquelas provenientes de ocupações domésticas urbanas e modernas do mesmo século XIX. Pode-se também dizer que são coleções similares a ocupações domésticas, referentes a grupos de menos posses. Geralmente, ocupações domésticas abastadas, em contextos urbanos do século XIX, incluiriam objetos que refletem ostentação de modernidade e *status*, como, por exemplo, louças de mesa em porcelana, *ironstone* ou *whiteware* inglesa, nos mais variados *transfer prints*, garrafas de perfume em vidros com decoração em relevo e marcas de fabricante, bonecos e estatuetas de porcelana, moedas, dobradiças de porta e afins, botões ornamentados, broches, fivelas de cinto, dedais, pentes e escovas de dente em osso entalhado, para mencionar algumas possibilidades. A relação capitalista entre noções de *status* social, as elites econômicas e sociais e sua expressão na cultura material busca, deliberadamente, o novo, em últimas opções de estilo e inovação. É o tempo da produção, materializado nos objetos do cotidiano, da construção e afirmação da noção de progresso através do material. Aceleram-se as preferências, as modas, os gostos, os descartes, as necessidades. Privilegia-se o inédito, que se renova constantemente em detrimento do antigo e do durável. Há uma relação estreita entre padrões de consumo, materialidade e percepção temporal (Lucas, 2005, 2006).

Alguns objetos de distinção social, exibindo claras marcas de temporalidade de estilo, existem na coleção antártica, porém são raros e desviantes. E, de fato, nada soa mais estrangeiro que esses objetos estarem presentes

na Antártica, onde as condições extremas e hostis, que suscitam preocupações severas acerca de segurança e sobrevivência, são alheias à imagem de uma coleção material em grande número de objetos, de distinção social ou luxo, alto custo, grandes ou desajeitadas, ou, ainda, frágeis. Como contraponto, os objetos cerâmicos em grés são mais duráveis que as louças e mais presentes na Antártica. Suas paredes são mais espessas e mais resistentes. As garrafas de vidro, relativamente abundantes na Antártica, não são duráveis como os recipientes em grés, desafiando essa correlação. Contudo, a decoração que ambas as categorias materiais ostentam é mais simples e menos suscetível a flutuações temporais de gosto, estilo e moda (marcas materiais da flutuação do tempo histórico moderno), ou, em outras palavras, ‘durabilidade social’. Evidentemente, questões de moda não fazem parte da preocupação de um habitante desse local.

Os muitíssimo poucos fragmentos de louças históricas encontradas arqueologicamente na Antártica revelam mais provavelmente o seu uso mínimo nos acampamentos de caçadores do que um cuidado extremo com essas peças durante seu uso em terra. Do ponto de vista da percepção dos marinheiros-caçadores, a maior utilização de objetos vulgares permite pensar as ocupações antárticas como desarticuladas da noção capitalista de consumo de objetos crescentemente diversificados e hierarquizados, como já apontado neste artigo e em Zarankin e Senatore (2007). Isso reforça como, na Antártica, troca-se o efêmero pelo durável. Por outro lado, ressalta-se que os recipientes de grés se referem a transporte/armazenamento de grandes quantidades de líquidos, inclusive para servir, enquanto que xícaras ou pratos de louça referem-se ao consumo individual de alimentos. A predominância é para recipientes de uso coletivo – tanto para armazenamento e quanto para servir – do que de consumo individual. Esse ponto foi associado em Zarankin e Senatore (2007) à adoção, na Antártica, de práticas de consumo menos modernizadas que na metrópole. Contudo, conclui-



se também que não somente o caráter operário dos assentamentos marca a materialidade, mas também o caráter temporário dos assentamentos e da presença humana na Antártica. Ao invés de objetos de consumo de alimentos em porcelana e faianças, temos objetos em grés, de mais baixo custo que as faianças finas e com maior durabilidade física frente a impactos mecânicos (no caso do grés) e maior durabilidade social dos objetos (como grés e vidros) (Figura 6).

Para reforçar a noção de que se buscava retirar o máximo de tempo de uso de objetos, prolongando-o, ressalta-se o reparo a peças de roupa e calçados (Salerno, 2006). A reutilização e o reparo de itens, como roupas e calçados, ou como o próprio acampamento, demonstram não somente uma potencialmente pequena quantidade de matéria-prima ou produtos armazenados, como também uma noção de durabilidade, estendida pela natureza isolada do local.



Figura 6. Recipientes para o consumo de alimentos: A) fragmento de xícara de chá de louça em earthenware, *transfer print* azul embaixo do esmalte, associado a pinturas à mão (na borda da xícara), sítio Rugged 1; B) louça pintada à mão, em cor azul, sítio Punta Varadero; C) fragmentos de recipientes em grés, sítio Cuatro Pircas; D) fragmentos de recipiente em grés, sítio Pencas 3. Fonte: Leach/ UFMG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para atar algumas ideias, volta-se à imagem de uma Antártica não humana, inerte e sem vida. Ela equivale à imagem platônica do que é eterno, onde o tempo, que invariavelmente degenera o mundo, não transcorre (Hissa, 2016). Discordando dessa imagem de Antártica, buscou-se demonstrar as nuances sutis do movimento do tempo antártico, que transforma as paisagens. Ressaltou-se que houve ocupações humanas no continente, entre elas a dos marinheiros-caçadores, todas marcadas pelo compasso de um movimento pendular, entre o local de origem (do mundo moderno), que permanece sempre na memória e nos planos futuros, e o local de estadia temporária (mundo antártico), presente da concretude efetiva. Concluiu-se que, apesar do seu caráter temporário, a presença humana mínima nos espaços antárticos não é, contudo, vazia de significados ou de experiências. Tampouco se deram em um lugar estático, com o qual não se interage, palco inerte de acontecimentos.

Carregando consigo o mundo moderno, porém ressignificando e incorporando os espaços antárticos, sugere-se que os marinheiros-caçadores do século XIX teriam experimentado esse continente a partir da intensidade do ritmo capitalista de trabalho, attenuado por momentos de lazer e introspecção, tanto individuais quanto coletivos, como a bebida, os jogos e o fumo. Obstáculos e perigos que atravessam teriam oferecido momentos de pausa e de tensão, como o aguardo pelo resgate. Ainda, a experiência teria sido ritmada também pelas funções específicas (do gajeiro, do faxineiro, do cozinheiro, do copeiro, do mecânico, do navegador etc.), embarcada ou em terra. No tocante à mensuração e à direção do tempo, levantou-se a coexistência de elementos absolutos e não absolutos, lineares e relacionais, observados nos textos dos diários de bordo. Observa-se, sobre o tempo relacional, que as distâncias percorridas para atingir o continente gélico implicam em constantes retornos ao passado (da mesma maneira que perdura o som, também perduram as lembranças da vida na metrópole) e projeções para o futuro. Sobre a materialidade da vivência antártica, volta-se

para a escolha do durável, em oposição ao frágil, inovador e/ou moderno, sugerida aqui na opção pelos recipientes em grés, por exemplo. O caráter temporário da presença humana na Antártica marca também essas escolhas.

Em meio a todos esses elementos das experiências dos marinheiros-caçadores na Antártica, ressalta-se alguns: as pausas preenchidas por atividades de lazer; as interrupções ao trabalho, colocadas pelos obstáculos; o eventual aguardo pelo resgate; a mensuração não absoluta do tempo, presente nos círculos dos marinheiros e na queima das velas; o tempo relacional, latente na esperança pelo retorno ao lar; e a escolha pelo objeto durável. Esses podem ter sido alguns dos momentos de sincronização ou mesmo de uma aproximação com o compasso lento, mas variável, da Antártica.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa de mestrado que deu origem a este artigo recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig) e CNPq, através de bolsas de estudo, e o PROANTAR e a Marinha Brasileira ofereceram a logística das viagens antárticas através do Leach/UFMG. Agradeço ao prof. Andrés Zarankin, pela orientação, e ao prof. Ruben Stehberg e a prof.^a Maria Ximena Senatore, pelo acesso às bases de dados digitais das coleções arqueológicas do Chile e da Argentina, respectivamente. Sou grata também a Letícia Hissa, pela feitura do mapa aqui apresentado, e a Anaeli Almeida; aos pareceristas anônimos e editores do Boletim, pelos comentários sobre o texto.

REFERÊNCIAS

- ALFARO, P.; LÓPEZ-MARTINEZ, J.; MAESTRO, A.; GALINDO-ZALDÍVAR, J.; DURÁN-VALSERO, J. J.; CUCHÍ, J. A. Recent tectonic and morph structural evolution of Byers Peninsula (Antarctica): insight into the development of the South Shetland Islands and Bransfield Basin. *Journal of Iberian Geology*, v. 36, n. 1, p. 21-38, 2010.

- BASBERG, B. L.; HEADLAND, R. K. The 19th century Antarctic sealing industry: sources, data and economic significance. *Polar research*, St. Petersburg, 2008. Available in: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1553751>. Access in: 31 July 2016.



- BERGUÑO, J. Las shetland del Sur: el ciclo lobero – Primera parte. *Boletín Antártico Chileno*, Punta Arenas, v. 12, n. 1, p. 5-13, abr. 1993a.
- BERGUÑO, J. Las Shetland del Sur: el ciclo lobero – Segunda parte. *Boletín Antártico Chileno*, Punta Arenas, v. 12, n. 2, p. 2-9, oct. 1993b.
- BONNER, W. N. The fur seal of South Georgia. *British Antarctic Survey*, London, v. 56, 1968. Available in: <http://www.antarctica.ac.uk/about_bas/publications/scientific_reports/index.php>. Access in: 31 July 2016.
- FANNING, E. *Voyages and discoveries in the South seas 1792-1832*. Salem: Marine Research Society, 1924.
- GOODRIDGE, C. M. *Narrative of a voyage to the South seas and the shipwreck of the Princess of Wales cutter, with an account of a two years' residence on an uninhabited island*. Exeter: W.C. Featherstone, 1839.
- GROSS, D. Time allocation: a tool for the study of cultural behavior. *Annual Review of Anthropology*, New York, v. 13, p. 519-558, 1984.
- GUIMARÃES, C.; MOREIRA, M. O carvão, o capitalismo e a Antártida (Séc. XIX). *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 87-14, jul.-dez. 2011.
- HEADLAND, R. *Chronological list of Antarctic expeditions and related historical events*. Nova York: Press syndicate of the University of Cambridge, 1989.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HISSA, S. Dando tempo ao tempo, na arqueologia. *Revista de Arqueología*, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 188-202, 2016.
- HISSA, Sarah. *Tempo e arqueologia: experiências materiais e imateriais de Antártica*. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- HISSA, S. Tempos Antárticos: entre momentos, histórias e experiências. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 53-85, jul.-dez. 2011.
- HOBBS, G. *The geology of the South Shetland islands*. London: BAS, 1968.
- HUSSERL, E. *A idéia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- HUSSERL, E. *Conferências de Paris*. [S.I.]: LusoSofia Press, 1992.
- HUSSERL, E. *The phenomenology of internal time-consciousness*. London: Indiana University Press, 1973.
- HUSSERL, E. Investigaciones lógicas. *Revista de Occidente*, Madrid, v. 3, 1929.
- INGOLD, T. *The perception of the environment*. London: Routledge, 2000.
- JAGUARIBE, H. Tempo e história. In: DOCTORS, Marcio (Org.). *Tempo dos tempos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 156-165.
- LANDIS, M. J. *Antarctica: exploring the extreme*. Illinois: Chicago Review Press, 2001.
- LE GOFF, J. *Em busca da idade média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LUCAS, G. Historical archaeology and time. In: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Ed.). *The Cambridge companion to historical archaeology*. [S.I.]: Cambridge University Press, 2006. p. 34-47.
- LUCAS, G. *The archaeology of time*. Abingdon: Routledge, 2005.
- MAGNANI, J. G. C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. *Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-98, abr. 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702003000100005>.
- MAGNANI, J. G. C. *O lazer na cidade*: NAU. São Paulo, 1994. Disponível em: <<http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/lazernacidade.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2016.
- MARINHA DO BRASIL. Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. *Programa Antártico Brasileiro - PROANTAR*. [s. d.]. Disponível em: <<https://www.mar.mil.br/secirm/portugues/proantar.html>>. Acesso em: 8 jun. 2016.
- MARTINIC, Mateo. *Brief history of the land of Magellan*. Punta Arenas: La Prensa Austral, 2002.
- MERLEAU-PONTY, C. *A natureza*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006.
- MORENO, P. Botellas de vidrio en la península Byers, isla Livingston, Shetland del Sur. In: ACTAS DEL CONGRESO ARGENTINO DE AMERICANISTAS, 4., 1999, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: Universidad del Salvador, 1999. p. 207-228.
- MORRELL, B. *A narrative of four voyages to the South Sea, North and South Pacific Ocean, Chinese Sea, Ethiopic and Southern Atlantic Ocean, Indian and Antarctic Ocean*. Nova York: J. & J. Harper, 1832.
- MUÑOZ, S. Arqueofaunas de la isla Livingston, Shetland del Sur: un estudio exploratorio de los restos de mamíferos recuperados en la Península Byers. *Archaeofauna*, Buenos Aires, v. 9, p. 39-57, 2000.
- MURDOCH, W. B. *From Edinburgh to the Antarctic*: an artist's notes and Sketches during the Dundee Antarctic expedition of 1892-93. Edinburgh: The Paradigm Press, 1984.



- PIETTRE, Bernard. **Filosofia e ciência do tempo**. Bauru: EDUSC, 1997.
- RESENDE, L. G. A excepcionalidade da Antártida: notas para pensar antropológicamente. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 19-59, jan.-jun. 2011.
- RIBEIRO, G. L.; CROVETTO, G. D. O cenário Antártida e seus desdobramentos: considerações voltadas aos estudos da globalização e do transnacionalismo. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 9-18, jan.-jun. 2011.
- SALERNO, M. **Arqueología de la indumentaria**: prácticas e identidad en los confines del mundo moderno (Antártida, Siglo XIX). Buenos Aires: Del Tridente, 2006.
- SANTIBÁÑEZ, N. S. La emergencia de las ciudades puerto-puerta em la actividad y dinámica antártica. El caso de Punta Arenas, Chile. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 61-93, jan.-jun. 2011.
- SECRETARIAT OF THE ANTARCTIC TREATY. [s. d.]. Available at: <<http://www.ats.aq/seleccion.htm>>. Access in: 8 June 2016.
- SENATORE, M. X.; ZARANKIN, A. Arqueología histórica y expansión capitalista: prácticas cotidianas y grupos operarios en Península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur. In: ZARANKIN, A.; ACUTO, F. (Ed.). **Sed Non Satiata**. Buenos Aires: Tridente, 1999. p. 171-188.
- SMITH, R. I. L.; SIMPSON, H. W. Early nineteenth century sealers' refuges on Livingston Island, South Shetland Islands. **British Antarctic Survey Bulletin**, Cambridge, n. 74, p. 49-72, 1987.
- STACKPOLE, E. **The voyage of the Huron and the Huntress**: the American sealers and the discovery of the continent of Antarctica. Connecticut: Connecticut Printers Incorporated, 1955.
- THOMAS, J. Phenomenology and material culture. In: TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M.; SPYER, P. (Ed.). **Handbook of material culture**. Londres: SAGE Publications, 2008.
- THOMPSON, E. **Time, work-discipline, and industrial capitalism**. New York: Oxford University Press, 1967. Available in: <<http://temis.umn.edu/pdf/EPThompson-PastPresent.pdf>>. Access in: 8 June 2016.
- TILLEY, C. **A phenomenology of landscape**: places, paths and monuments. Oxford: Berg publishers, 1994.
- VALTONEN, A. **Rethinking free time**: a study on boundaries, disorder and symbolic goods. Helsinki: HeSE, 2004. (Acta Universitatis Oeconomicae Helsingiensis. A, 236).
- VERRILL, A. H. **The real story of the whaler**: whaling, past and present. Nova Iorque: D. Appleton and Company, 1916.
- VILLAGRAN, X.; SCHAEFER, C. E. Geoarqueología das primeiras ocupações humanas na Antártica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 115-137, jul.-dez. 2011.
- ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. **Historias de un pasado en Blanco**: arqueología histórica antártica. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.
- ZARANKIN, A.; HISSA, S. B. V.; SALERNO, M.; FRONER, Y.; RADICCHI, G. A.; ASSIS, L. G. R.; BATISTA, A. Paisagens em branco: arqueología e antropología antárticas – avanços e desafios. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 9-51, jul.-dez. 2011.

